

João Cezar de Castro Rocha (UERJ)

Dirce Côrtes Riedel nasceu em 24 de abril de 1915, na cidade do Rio de Janeiro. Sua extraordinária vocação de pedagoga e de crítica literária foi desde muito cedo estimulada pela fortuna de encontrar em sua própria casa ambiente propício para o desenvolvimento intelectual e afetivo.

De um lado, seu pai, La-Fayette Côrtes (1887-1945), foi um dos mais criativos educadores da história brasileira, tendo introduzido métodos renovadores em todos os níveis de ensino. Em 1916, criou um pioneiro jardim de infância, ampliado no primeiro pré-primário estabelecido no Brasil. Para tanto, mantinha-se constantemente atualizado, mandando vir da Europa livros de Maria de Montessori, entre outros. Posteriormente, fundou o Instituto La-fayette, notável centro de ensino e experiências pedagógicas, voltado para o ensino primário e secundário. Em 1939, organizou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La-Fayette, que começou a funcionar em 1942. Num certo sentido, aí encontramos o embrião da futura Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sobretudo, importa destacar um traço da obra de La-Fayette Côrtes que viria a nortear a futura ação de Dirce Côrtes: a capacidade de reunir pensamento e ação; imaginação crítica e realização concreta.

De outro lado, sua prima, Virgínia Côrtes de Lacerda (1903-1959), destacou-se como crítica literária e pedagoga. Inicialmente professora do Instituto La-Fayette, ocupou diversos cargos relevantes ao longo da carreira, tendo chegado a dirigir a prestigiosa instituição de pesquisa "Casa de Rui Barbosa". Escreveu diversos livros que revelaram sua preocupação com a renovação didática, além de artigos sobre importantes escritores brasileiros.

Recordar esse ambiente familiar é importante, pois Dirce Côrtes Riedel dedicou sua vida e obra ao aprofundamento da inspiração derivada desses dois exemplos. O legado de Dirce Côrtes Riedel

tanto inclui vários livros e inumeráveis ensaios de crítica literária que publicou, quanto abarca a criação de centros de estudo, institutos e programas de pós-graduação, sempre marcados pela renovação de métodos pedagógicos e pela ousadia na inclusão de novos conteúdos. Nos próximos parágrafos, retomaremos o fio condutor de uma vida inteiramente dedicada à tarefa de formação – formação de alunos, de professores e de instituições; *Bildung* permanentemente direcionada ao outro e a ele dedicada. Devido ao caráter multifacetado de suas atividades, decidimos separá-las em três unidades distintas. Mas, desde já, advertimos: elas devem ser vistas em íntima comunicação, pois, em sua obra, Dirce Côrtes Riedel tem buscado realizar o antigo ideal de unir pensamento e ação.

ESCRITA E LEITURA: UMA CLÁSSICA REVOLUCIONÁRIA

A escritora Dirce Côrtes Riedel sempre foi, em primeiro lugar, uma aguda leitora. Sua produção intelectual pode ser dividida em duas áreas: uma produção de caráter crítico e ensaístico, ao lado de uma produção voltada para a renovação do ensino da literatura. Começamos nosso breve exame por essa modalidade.

Em *Literatura Brasileira em Curso* (1968), auxiliada por uma equipe de jovens professores, Dirce Côrtes Riedel apresentou uma nova concepção de antologia de textos. Em lugar da monótona sucessão cronológica de excertos de autores canônicos, *Literatura Brasileira em Curso* organizava os textos segundo um critério temático. Assim, o estudante encontrava textos que tratavam de aspectos de seu próprio cotidiano: trabalho, amor, povo, liberdade, entre outros. Sobretudo, essa organização permitia que textos de épocas diversas se encontrassem associados, estimulando a imaginação crítica do estudante. O sucesso da iniciativa pode ser facilmente comprovado: essa inovadora coletânea encontra-se, hoje, na vigésima edição.

Em 1975, Dirce Côrtes Riedel publicou outras duas coletâneas. Com *Literatura Portuguesa em Curso*, ampliava o método anteriormente bem-sucedido na renovação do estudo da literatura brasileira. Em *Leitura de Invenção de Orfeu* reuniu um grupo de

jovens professores que produziu importantes ensaios dedicados à análise e interpretação da obra de um dos mais importantes poetas brasileiros do século XX, Jorge de Lima.

Com a publicação desses livros, Dirce Côrtes Riedel revelou traços fundamentais de sua atividade intelectual. De um lado, a preocupação permanente com uma rigorosa formação. De outro, a constante valorização das gerações mais jovens, sempre chamadas a colaborar em seus projetos. Por fim, o minucioso trabalho de leitura dos escritores de sua predileção. E é ao mencionar esses escritores que chegamos à produção ensaística de Dirce Côrtes Riedel. Dois são os autores que dominaram a atenção da crítica literária: Machado de Assis e Guimarães Rosa.

Machado de Assis, foi tema de dois livros. Em *O Tempo no Romance Machadiano* (1959), Dirce Côrtes Riedel ofereceu importante contribuição à fortuna crítica do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, detalhando a concepção machadiana de tempo e, sobretudo, estudando as formas que tal concepção assumiu em sua ficção. Para esse relevante estudo, Dirce Côrtes Riedel valeu-se de vasto referencial filosófico, a fim de melhor situar a particularidade da ficção machadiana. Em *Metáfora, O Espelho de Machado de Assis* (1974), conciliou sua rigorosa formação de crítica estilística com uma aguda leitura de metáforas constantes na obra machadiana. Por fim, em 1975, preparou uma edição didática do romance *Quincas Borba*, edição destinada aos estudantes dos últimos anos do segundo grau e primeiros anos de Universidade.

De igual forma, Guimarães Rosa inspirou dois livros. O primeiro deles, *O Mundo Sonoro de Guimarães Rosa*, foi apresentado como “Tese de Concurso” para a Cátedra de Português e Literatura do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1961. Destaque-se a ousadia do gesto. Guimarães Rosa publicou *Grande Sertão: Veredas*, a obra-prima máxima da literatura brasileira do século XX, em 1956. Somente seis anos após sua primeira edição, Dirce Côrtes Riedel dedicou ao romance uma “Tese de Concurso”, solene ocasião acadêmica, que quase nunca considera a literatura contemporânea um objeto suficientemente “digno” de estudo. Essa foi a primeira de uma série cada vez mais numerosa de teses e estudos dedicados à obra de Guimarães Rosa, no Brasil e no exterior. A primazia, contudo, cabe

a Dirce Côrtes Riedel. Afirmá-la importa não por um simples apego à cronologia, mas como reconhecimento da agudeza e da coragem que caracterizam sua produção ensaística. Em 1966, tornou-se catedrática de Literatura Brasileira na Universidade do Estado da Guanabara (UEG, hoje, UERJ), com a tese *Aspectos da imagística de Guimarães Rosa*. Em 1980, por fim, veio à luz o livro *Meias Verdades no Romance*, um conjunto de inovadores e lúcidos ensaios dedicados ao autor de *Sagarana*.

FORMAÇÃO E FORMADORA: ETERNA APRENDIZ, JOVEM MESTRA

Com 16 anos, Dirce Côrtes Riedel concluiu o “Curso Geral Superior”, no Instituto La-fayette, obtendo sólida formação humanista. Na ocasião, apresentou a tese *A harmonia musical e a sensibilidade humana. Estudo comparativo das almas inspiradas dos artistas do som*. Assim, desde muito cedo, habituou-se à leitura dos clássicos e à discussão livre de temas filosóficos. Posteriormente, recebeu o título de “Bacharel em Letras Clássicas”, pela Universidade Santa Úrsula. Completou sua formação com os títulos de “Livre-Docente” (1960) e “Doutor em Letras” (1962), ambos obtidos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Sua atividade docente desenvolveu-se prioritariamente na Universidade do Estado Rio de Janeiro, tornando-se Professora Titular de Literatura Brasileira, mediante concurso realizado em 1966. Não obstante, Dirce Côrtes Riedel exerceu, através de inúmeros convites, o magistério em Universidades de todo o Brasil. Por isso, podemos dizer que pelo menos três gerações de professores e críticos literários tiveram a oportunidade de tê-la como mestre. Oportunidade na qual formou não apenas alunos, mas sobretudo amigos para toda uma vida. Luiz Costa Lima, um dos mais importantes teóricos da literatura, dedicou um de seus livros a Dirce Riedel, denominando-a “mestra em mocidade”. A expressão é perfeita, pois, através de seus atos, Dirce Côrtes Riedel continua a ensinar a lição mais importante: o autêntico mestre é um eterno aprendiz.

Neste contexto, torna-se relevante recordar episódio exemplar no que se refere ao ideal pedagógico perseguido por Dirce Côrtes

Riedel. Em 1969, no auge da repressão desencadeada pelo endurecimento da ditadura militar que então governava o Brasil, o renomado lingüista Roman Jakobson chegou ao Rio de Janeiro, a fim de proferir uma conferência na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Contudo, a administração da Universidade resolveu cancelar o evento, alegando não dispor de recursos suficientes. Dirce Côrtes Riedel não se abateu: convocou os alunos para angariar fundos que permitissem a manutenção da conferência, que terminou sendo realizada com grande êxito num Colégio cujo auditório esteve totalmente tomado pelos estudantes da Universidade.

Vera Follain de Figueiredo, renomada crítica literária brasileira, resumiu o sentimento dos que conviveram com Dirce Côrtes Riedel numa frase-síntese: “Dirce, mestra de todos nós”. Mestre mesmo da geração mais jovem que, não tendo podido conviver com ela em sala de aula, aprendeu a admirá-la tanto pelos textos que publicou quanto pelas iniciativas institucionais que desenvolveu. Em sua longa e profícua atividade docente, Dirce Côrtes Riedel revelou-se um mestre que sempre soube que ensinar significa mais do que transmitir conteúdos, significa sobretudo formar cidadãos. Cidadãos críticos, como ela preferiria dizer.

IMAGINAÇÃO INSTITUCIONAL: CONTEMPORÂNEA DO FUTURO

Numa longa entrevista, concedida em 1988, Dirce Côrtes Riedel recordou palavras que seu pai lhe confiou em 1945, pouco antes de morrer: “Não é mais momento de ensino particular. Nós tivemos ensino particular, enquanto o país precisou de nosso auxílio, agora é o momento de darmos toda a nossa força ao ensino público”.

Sem dúvida, tais palavras encontraram o ouvinte ideal. Colaboradora de diversos centros públicos de ensino em todo Brasil, Dirce Côrtes Riedel dedicou-se com especial denodo à construção do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desde 1966, Professora Titular de Literatura Brasileira, mas mesmo antes, Dirce Côrtes Riedel contribuiu decisivamente para o fortalecimento do Instituto e para a renovação de seus métodos pedagógicos. O episódio relatado anteriormente, relativo à conferência de Roman

Jakobson, é testemunho de sua determinação e coragem. Ao partir, o famoso lingüista deixou uma mensagem escrita, na qual externava sua impressão sobre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro: “A coisa que mais me impressionou foi o alto conhecimento e o espírito combativo de seus alunos”. Uma perfeita síntese e o mais eloqüente elogio ao trabalho de formação desenvolvido no Instituto de Letras sob a orientação de Dirce Côrtes Riedel.

Trabalho que prosseguiu na criação do Curso de mestrado em Literatura Brasileira, em 1987, e aprofundado na organização do Doutorado em Literatura Comparada, em 1993. Dirce Côrtes Riedel não somente contribuiu de forma decisiva para a criação desses cursos, como também os coordenou de 1987 a 1993. A vitalidade da Pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro representa, sobretudo, um reconhecimento ao pioneirismo de Dirce Côrtes Riedel.

Recordemos, para concluir, as palavras com que Dirce Côrtes Riedel encerrou um depoimento: “Embora me decepcione com facilidade, tenho o delírio da utopia”. E, por vezes, o delírio pode se confundir com a realidade, já que o Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ está comemorando seus 15 anos de existência.